

## **RELATO CRÍTICO 3 – LINA BO BARDI**

**(Aluno: Rafael B. Mamede – 8947081)**

Ao longo do semestre da disciplina “Introdução a Museologia”, ministrada pelo professor Martin Grosmann, a arquiteta italiana Lina Bo Bardi, assumiu papel de destaque durante as aulas. Seu trabalho e maneira de atuar foram comentados e discutidos ao longo do período. Sem dúvida duas visitas a exposições que abordavam esta importante personagem do cenário arquitetônico brasileiro foram de suma importância para a descoberta do trabalho da arquiteta por parte dos alunos.

A primeira visita realizada foi à ida ao Museu da Casa Brasileira, para conhecer a exposição “Maneiras de expor: arquitetura expositiva de Lina Bo Bardi”. A atividade tornou-se bastante interessante pelo fato dos presentes contarem com a companhia do próprio curador Giancarlo Latorraca, que apresentou todo o local aos visitantes e comentou a ideia por trás daquele espaço.

Nessa visita os alunos tiveram contato principalmente com a história de Lina, entenderam sua relação com seu marido Pietro Maria Bardi, reconhecido crítico de arte e jornalista, homem pelo qual Lina nutria admiração mesmo antes de casados. Vindos da Itália para o Brasil em 1946, ambos vislumbraram no país possibilidades, perceberam uma cultura rica e em formação além de uma arquitetura expoente. A exposição preocupa-se em introduzir os visitantes a alguns dos projetos mais conhecidos de Lina Bo Bardi como a criação do MASP e suas intervenções no Solar do Unhão, importante espaço cultural baiano.

O trabalho da arquiteta sempre se apresentou com forte caráter político, Lina não escondeu sua militância sob os ideais comunistas, tendo inclusive se filiado ao partido Comunista Italiano enquanto ainda encontrava-se em sua terra natal. Ela entendia o espaço como algo transformador, e que pode cumprir com diversos objetivos. Os grandes trabalhos de Lina ganham mais destaque na segunda visita, que foi feita ao Sesc Pompeia.

A exposição recebeu o nome “A arquitetura política de Lina Bo Bardi” e abordou basicamente os trabalhos da arquiteta na construção do MASP e intervenções no Solar do Unhão e no próprio Sesc Pompeia.

Desenhos das plantas dos edifícios, fotos dos prédios e vídeos com depoimentos de diversos conhecedores da artista, além de frases de Lina, foram os principais recursos utilizados na exposição. Ao tratar do Solar do

Unhão, um conjunto arquitetônico colonial localizado em Salvador, BA, o foco dos comentários realizados em relação ao projeto reúnem-se sobre a escada projetada por Lina e que marca o interior da construção. Pelo fato da construção ter sido tombada como patrimônio cultural e histórico nacional pouco poderia alterar-se do local. Quando a arquiteta foi convidada a auxiliar o desenvolvimento de um espaço cultural surgiu a ideia da instalação da ampla escada em espiral que marca o projeto. O que me chamou atenção durante a visita foi o depoimento de um senhor que destacava o quão genial ele pensava ser aquele objeto, como tendo uma simples ideia Lina foi capaz de criar uma escada com tantas nuances que desperta interesse, é confortável e assume um papel protagonista no edifício.

Tendo forte identificação com a cultura popular brasileira Lina sempre buscou favorecer a produção brasileira, enquanto a elite nacional buscava integrar o Brasil ao modelo cultural de Nova Iorque e Paris.

Seguindo a visita surgiu o espaço dedicado ao MASP, o mais conhecido museu da cidade de São Paulo e que a décadas está associado fortemente a uma imagem elitista. Fruto de uma iniciativa de construir um espaço que pudesse comportar a arte nacional e estrangeira, mas que também oferecesse oficinas ligadas a trabalhos artísticos, tendo um viés social. Esse aspecto durou poucos anos, tendo sido abandonado por falta de interesse e consequente diminuição do patrocínio a prática.

Lina surge no curso de Museologia principalmente por seu trabalho no MASP. Ao desenvolver este projeto ela revoluciona de certa maneira as formas expositivas, isso porque pensa que as obras de arte e o público não devem estar distantes, criou painéis de vidro expositores que colocam o quadro e o visitante frente a frente. Não só isso, todo o prédio do Museu de Arte de São Paulo é cercado por vidro, o objetivo nesse caso era que o museu fosse parte da cidade, estivesse integrado com a mesma. A ideia era de que as obras ali presentes fossem acessadas por todos.

As ideias revolucionárias de Lina não duraram muito tempo e foram abandonadas por ordem de futuros diretores da instituição. Os cavaletes de vidro criados pela arquiteta foram deixados de lado enquanto a fachada de vidro do museu foi recoberta com a alegação de que o sol danificaria as obras. Um projeto único, foi mutilado por conta de disputas políticas, imagina-se que um dia as ideias de Lina para o MASP possam ser retomadas.

O último espaço da exposição é dedicado ao Sesc Pompeia, antiga Fábrica de Tambores da Pompeia. Lina ao conhecer o espaço, em 1976, deixou claro que não pretendia promover ali grandes mudanças, mas sim intervir pontualmente

para que o local ganhasse vida e pudesse servir aos propósitos desejados de se transformar em um centro de lazer e convivência.

Um comentário de Lina Bo Bardi que me fez pensar um pouco sobre como a construção de ambientes é significativa para o desenvolvimento humano foi, “Encontramos uma fábrica com uma estrutura belíssima, arquitetonicamente importante, original, ninguém mexeu (...) Nós colocamos apenas algumas coisinhas: um pouco de água, uma lareira”.

O complexo esportivo que marca o Sesc foi projetado a partir de um grande problema espacial, os “pedaços de terra” disponíveis eram poucos, dois sendo mais exato. Lina inspirou-se nos fortes militares brasileiros e com isso a ideia de uma construção corpulenta e vertical ganhou vida. Um comentário sobre estes prédios que percebi na exposição e também me chamou atenção foi, “Tenho pelo ar-condicionado o mesmo horror que tenho pelos carpetes. Assim, surgiram os “buracos” pré-históricos das cavernas, sem vidros, sem nada. Os “buracos” permitem uma ventilação cruzada permanente”

Arquitetura era algo que me despertava interesse e após as experiências tidas ao longo deste semestre a vontade por conhecer a área só aumentou. Pelo que pude conhecer e entender de seu trabalho e vida pessoal, Lina Bo Bardi passou a ser uma figura que merece muita atenção. Sem dúvida ela foi um dos assuntos que mais marcaram a disciplina.

“Como responsável pelo projeto do Museu foi minha intenção destruir a aura que sempre circunda um museu, apresentar a obra de arte como trabalho, como profecia de um trabalho ao alcance de todos. Revitalizar um quadro tirando-o do papel de múmia”, Lina Bo Bardi.